



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 7

Crise e oportunidade

Giovana Girardi: Você com certeza já ouviu aquele clichê: “toda crise é uma oportunidade”.

Ricardo Baitelo: Muita gente diz: "a crise é uma oportunidade".

Giovana Girardi: Parece papo de coach, né? Mas eu nunca ouvi tanto a palavra "oportunidade" quanto durante as entrevistas pra esse episódio.

"Crise é oportunidade" ... Bom, se a recíproca for verdadeira... se a gente tá falando tanto de oportunidade é porque a crise tá braba, né?

Elbia Gannoum: [...] veja as mudanças climáticas também como uma grande oportunidade pra economia brasileira [...]

Giovana Girardi: Crise climática, crise hídrica, crise energética... De crise a gente tá bem. Mas e de oportunidade?

No episódio passado aqui de Tempo Quente, a gente falou de Belo Monte. Aliás, se você não escutou o 6º episódio – e o 5º, o 4º, o 3º, o 2º, o 1º – eu sugiro voltar lá e ouvir tudo na ordem.

Mas então, no episódio passado a gente falou de Belo Monte. De como a instabilidade hídrica tá obrigando o Brasil a rever a aposta na matriz hidrelétrica de

grandes reservatórios. E de como essa crise botou a gente bem no meio de uma encruzilhada.

Rodrigo Sauaia: [...] por conta da crise, [...] e decisões erradas do passado, a gente tem uma limitação [...] aqui. Agora, qual que tem que ser o processo de decisão na nossa visão? Competitividade.

Giovana Girardi: Uma encruzilhada entre apostar nas energias renováveis...

Rodrigo Sauaia: [...] é um celeiro de oportunidades para as energias renováveis, especialmente solar e eólica [...]

Giovana Girardi: Ou apostar numa matriz "estável" – mas que pode piorar ainda mais a crise.

Sérgio Leitão: [...] e estabelece que também poderá ter oportunidades com a questão do gás [...]

Giovana Girardi: E, mais uma vez, quem vai se sair melhor nessa crise é quem tiver o lobby mais poderoso.

Eu sou Giovana Girardi, e esse é o Tempo Quente – um podcast original da Rádio Novelo.

Antes de entender o que que tá em jogo nessa "batalha de lobbies" pela oportunidade de ganhar espaço na crise, é legal a gente mapear o cenário energético do país.

Essa discussão sobre os caminhos da política de energia no Brasil é um papo complexo – daqueles que merecem chamar o VAR.

E o primeiro "universitário" que eu escalei pra me ajudar a entender esse enrosco foi justamente um especialista em planejamento energético.

Ricardo Baitelo: Eu sou Ricardo Baitelo, coordenador de projetos do IEMA.

Giovana Girardi: Que é instituto...

Ricardo Baitelo: Instituto de Energia e Meio Ambiente.

Giovana Girardi: O IEMA é uma ONG voltada justamente pra pesquisa nesses temas: a energia e o meio ambiente. E uma das questões que o IEMA tem estudado recentemente é essa "reacomodação" no cenário da matriz elétrica brasileira.

Logo de largada na nossa conversa, o Baitelo me lembrou que as decisões do setor não necessariamente passam por aspectos técnicos.

Ricardo Baitelo: A gente também sabe o que aconteceu com Belo

Monte, né? Então, por mais que se viesse com argumentos técnicos, era muito difícil, era impossível dissuadir o governo de que aquele empreendimento tinha que ser construído. Havia muitos argumentos técnicos, principalmente em relação ao perfil de energia que o Brasil precisava. Ou seja, não mais uma hidrelétrica que não traria diversificação, e sim outras fontes que poderiam, como se dizia na época, preencher o vale dos meses mais secos - que seria mais eólica, mais biomassa. Mas esse argumento não foi suficiente. Tinha uma questão de arranjos políticos ali que estavam sendo atendidos para a construção de Belo Monte.

Giovana Girardi: "Arranjos políticos que estavam sendo atendidos". Quer dizer...

Ricardo Baitelo: [...] Sem dúvida nenhuma é um lobby.

Giovana Girardi: Tá, mas antes de chegar nos lobbies que tão se articulando hoje, vamo voltar um pouquinho no tempo.

Pra antes da retomada do projeto de Belo Monte, pra uma já velha conhecida nossa aqui também: a crise hídrica de 2001.

Aquela em que o governo Fernando Henrique proibiu até jogo de futebol depois do pôr do sol pra poder economizar energia.

Ricardo Baitelo: Eu diria que em 2001 foi a primeira vez que fez bastante sentido diversificar. Era de fato um contrassenso você ter um país que já era uma das maiores economias do mundo dependendo de só um recurso natural, e que não tinha um comportamento tão linear, tão regular quanto os nossos modelos, modelos do governo, previam.

Giovana Girardi: No episódio passado, a gente falou de como a matriz elétrica do Brasil há tempos é muito limpa por causa da presença maciça de hidrelétricas.

Mas em 2001, quando teve a crise do apagão, uma das saídas rápidas pra deixar o sistema elétrico do país mais "robusto" foi construir termelétricas que pudessem ser acionadas em caso de necessidade.

Como durante as crises hídricas, por exemplo.

E aí, o sistema que era basicamente hidrelétrico passou a ser hidro-térmico.

Naquele corre pra tentar evitar um apagão geral,

passou tudo quanto é tipo de termelétrica: das mais limpas, tipo a de biomassa — que é feita a partir do bagaço de cana e de madeira... até as térmicas movidas a combustível fóssil: a óleo combustível, a carvão — que são duas fontes mais poluentes e muito mais caras... — e também a gás natural.

Só que a regra, naquele momento, era que a maioria dessas usinas termelétricas ia ser flexível. Ou seja: elas iam ser acionadas só quando os reservatórios de água tivessem ficando muito baixos.

Na crise de 2001, as termelétricas tinham uma vantagenzinha técnica: é que elas são obras mais fáceis de construir. Só que a gente sabe que as hidrelétricas nunca deixaram de ser planejadas.

Em parte por causa da insistência do pensamento "barrageiro" no Brasil; em parte porque o custo da energia gerada pelas hidrelétricas ainda era muito competitivo.

E tudo isso acabou fazendo com que outras fontes mais limpas, tipo a eólica e a solar, demorassem pra entrar no jogo.

Aqui de novo, o Ricardo Baitelo.

Ricardo Baitelo: Antes de 2001 de fato era difícil emplacar, argumentar que o prejuízo estava sendo grande, argumentar além do escopo climático. Mas após 2001 já se passou a investir em eólica, e o jogo começou a mudar mas sem dúvida nenhuma-- sem dúvida nenhuma o Brasil demorou. Hoje o próprio setor solar fala isso, que a fonte solar foi a mais prejudicada [...] nessa priorização aí de renováveis que receberiam atenção política do governo.

Rodrigo Sauaia: [...] nós só começamos efetivamente a desenvolver essa tecnologia não foi no início dos anos 2000 não, foi na metade dos anos 2010.

Giovana Girardi: Esse é o Rodrigo Sauaia, presidente da Absolar – que é a Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica.

Rodrigo Sauaia: Então, o Brasil ele é um bebê, um novato no uso da energia solar e apesar disso, o nosso país saltou em 2017 da 26ª posição no ranking dos países que mais usam energia solar, hoje nós estamos na 13ª, quer dizer, já subimos 13 posições nesse ranking, e o Brasil está correndo mais rápido que o mundo. Ano passado nós fomos o 4º país que mais instalou energia solar no planeta. Começamos tarde e por isso perdemos tempo, e agora estamos correndo atrás desse atraso.

Giovana Girardi: "Correndo atrás do atraso". Isso porque a única renovável que recebia atenção política do governo aqui no Brasil, a gente já sabe, era a hidrelétrica...

Elbia Gannoum: O fato do Brasil ter se dedicado, apenas às hidrelétricas, né, atrás, tem justificativas técnicas, econômicas e até mesmo sociais.

Giovana Girardi: Essa é a Elbia Gannoum, presidente da Abeeólica, a Associação Brasileira de Energia Eólica.

Elbia Gannoum: [...] o Brasil deveria ter aprendido ali no início dos anos 2000, que a diversificação era necessária.

Giovana Girardi: E a diversificação, naquele momento, significou basicamente: termelétrica. Até porque tinha um fator muito importante.

Rodrigo Sauaia: No passado a energia solar, e isso passou também pela energia eólica, essas tecnologias eram vistas como caras.

Elbia Gannoum: A tecnologia eólica custava 6 vezes mais que a hidrelétrica.

Giovana Girardi: Só que no resto do mundo – em boa parte por causa da pressão climática – as energias eólica e solar começaram a se expandir ao longo dos anos. E isso barateou, e muito, o preço delas.

Rodrigo Sauaia: [...] elas tiveram uma evolução e uma redução de preço ao longo dos anos impressionante. No caso da energia solar, ela saiu da posição de ser uma fonte cara e inacessível, hoje ela é a fonte mais barata do Brasil, e a mais barata em vários países do mundo.

Elbia Gannoum: Porque 2008, 2009 as eólicas já se tornaram muito competitivas, e lá em 2011 a eólica já era a segunda fonte de energia mais barata do país, sendo a primeira hidrelétrica e em 2017 a eólica se tornou mais barata que a hidrelétrica.

Rodrigo Sauaia: Aquele mesmo produto solar, que eu comprava por 100, hoje eu compro por 14.

Giovana Girardi: Como diz propaganda de cosmético: "não é milagre, é tecnologia".

Rodrigo Sauaia: O preço da tecnologia caiu nos últimos 10 anos mais ou menos 86%. E na verdade é com mais tecnologia embarcada, mais eficiente, né, gerando mais energia. Então, essa transformação que é fruto da ciência aplicada, da tecnologia, e dos processos industriais cada vez melhores, ganho de escala do setor, fez com que a solar entrasse num novo patamar.

Giovana Girardi: Essa diminuição do preço é muito importante pra essas fontes limpas serem também competitivas no mercado, o que é bom pra gente, na hora de pagar a conta de luz – e é importante também pro meio ambiente.

Isso porque a expansão do sistema energético brasileiro costuma ser definida em leilões – onde quem tem o preço mais baixo leva. Então nos últimos anos a solar e a eólica finalmente começaram a crescer por aqui.

Hoje cerca de 80% da matriz elétrica brasileira é renovável. A maior fatia, claro, continua sendo das hidrelétricas – mas a eólica e a solar vêm crescendo muito, e a biomassa ajuda a complementar a porção renovável da matriz.

Quando eu tô gravando esse episódio, em junho de 2022, eólica e solar juntas respondem por cerca de 15% da capacidade instalada no país. Há dez anos, a eólica representava pouco mais de 1% da capacidade. Solar era praticamente nula.

Hoje a solar ainda responde pela menor fatia, cerca de 3% da capacidade. Isso é o que as usinas conseguem gerar. Mas quando se considera também a chamada "geração distribuída", que é aquela energia gerada em painéis solares particulares, em casas ou comércios, por exemplo, aí a solar já responde por quase 8% da matriz elétrica.

De todo modo, foi a eólica que deu o maior salto nos últimos anos. E a região que mais puxou esse crescimento foi o nordeste.

Quase 90% das usinas eólicas em operação no Brasil tão lá.

Em 2021, no auge da última crise hídrica, teve um momento em que cerca de 20% de toda a demanda elétrica brasileira foi suprida pelas eólicas que tavam rodando a todo vapor no Nordeste.

Sérgio Leitão: O boom de eólica no Brasil tem a ver com uma reunião que aconteceu no Banco do Nordeste, eu estava presente.

Giovana Girardi: Mais um peso-pesado pra ajudar aqui no VAR da matriz elétrica: o Sérgio Leitão.

Giovana Girardi: Como foi?

Sérgio Leitão: Juntando todos os governadores, para falar da importância de você ter energia eólica. E dali, o Banco do Nordeste começa a fazer o quê? Financiar empreendimentos eólicos com taxa abaixo do mercado. Na prática, um subsídio.

Giovana Girardi: O Sérgio Leitão é especialista em políticas públicas na área de energia e diretor do Instituto Escolhas – que é um think tank de pesquisa e análise de economia e de meio ambiente. E ele tá falando de uma reunião que aconteceu em 2008.

Sérgio Leitão: A partir daquilo, gerou a reação do BNDES de fazer, também, de igual modo, esse financiamento, e isso, fundamentalmente, responde por você ter saído de zero, naquele momento, era um traço inexistente na matriz, para mais de 10%.

Giovana Girardi: Mais de 10% no começo de 2021 – mas que quase dobrou durante a crise ao longo do ano, como eu disse agora há pouco... e que tem

potencial pra gerar muito mais.

Sérgio Leitão: Eu sou cearense, portanto eu entendo do sol e do vento do estado, morando em São Paulo eu sinto falta dos dois sobre a minha pele. Aí, como eu sou um cearense e a gente e sempre muito crente das coisas que vêm do céu... elas caem do céu, a gente só precisa cuidar bem delas. Então por que que a gente vai render obra e graça às térmicas, se a gente tem, ali no Nordeste, todo esse potencial que faz, inclusive, o Nordeste ter capacidade de ser a OPEP dos ventos e do sol.

Giovana Girardi: "O Nordeste tem capacidade de ser a OPEP dos ventos e do sol". A OPEP, pra quem não lembra, é a Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

Na analogia do Sérgio, o Nordeste pode ser um "exportador", entre aspas, de energia limpa pro resto do país. E se tem capacidade de ser... por que não é ainda?

De novo a Elbia Gannoum, da Abeeólica.

Elbia Gannoum: Porque existe um falso problema no setor de energia, que é você dizer que as fontes renováveis, como eólica e solar, que elas são intermitentes e que elas precisam de base firme pra que a gente tenha segurança no sistema.

Giovana Girardi: É aquela história: nem sempre venta, nem sempre faz sol...

Mas a Elbia tá dizendo que esse, na verdade, é um falso problema.

Elbia Gannoum: Porque a gente já tem uma estrutura de matriz com hidrelétricas com reservatório, a hidrelétrica faz esse papel de segurança, de flexibilidade que o sistema precisa e você já poderia fazer toda a sua expansão de energia elétrica com fontes renováveis não controláveis, que são essas fontes, eólica e solar.

Giovana Girardi: Quer dizer: pra esse papel de segurança, o Brasil pode contar com as próprias hidrelétricas que já existem, desde que elas sejam poupadas.

E elas podem ser poupadas justamente com um uso maior das tais fontes "não controláveis", ou intermitentes.

E mesmo essa palavra intermitentes já vem enfrentando uma resistência. O Rodrigo Sauaia, da Absolar, explica:

Rodrigo Sauaia: Primeiro, a gente explicar as palavras técnicas corretas, né? O correto é se falar em variabilidade. Fontes renováveis são fontes variáveis e não intermitentes. Intermitente é 0 ou 1, é ligado ou desligado. O variável, ela pode variar ao longo do dia, ao longo do

mês, ao longo do ano, ao longo da semana etc.

Giovana Girardi: Parece "cri-crizice" do Rodrigo, mas eu entendo o ponto dele: as palavras carregam um peso com elas.

Rodrigo Sauaia: Quer dizer, o sol, vento, a chuva, depende se você está na estação seca, na estação úmida, se você está na safra, na entressafra ou nos períodos de mais vento e mais sol ou menos desses recursos.

Giovana Girardi: Entre abundância de vento e sol e a ausência delas, tem vários tons de cinza, né?

Rodrigo Sauaia: Mas eu vou dizer para vocês o seguinte: os recursos fósseis também são muito variáveis. Por que quanto que é o preço do barril do petróleo? Quanto que é o valor do câmbio de amanhã, daqui um ano, daqui a dez anos? Ninguém sabe. Então, os recursos fósseis são variáveis economicamente, ao passo que os recursos renováveis, eles são variáveis no seu recurso natural, né?

Giovana Girardi: Bingo. Fez todo o sentido pra mim.

Riscando de vez aqui a "intermitência" do meu vocabulário – pelo menos quando eu for falar de renováveis.

Agora: é claro que o Rodrigo e a Elbia concordam no ponto central dessa história:

Rodrigo Sauaia: [...] o suporte dessas renováveis são as hidrelétricas que nós já temos construídas, com os seus reservatórios. Então, nós estamos numa situação privilegiada. Poucos países no mundo tem essa base renovável que a gente utilizar como suporte.

Giovana Girardi: Pô, parece bom, né? Tamos resolvidos?

Vamo fechar aqui então com base de hidrelétrica, complementar com eólica e solar...

Rodrigo Sauaia: E nós temos a biomassa também, não podemos esquecer dela.

Giovana Girardi: Beleza, botando biomassa aqui também pra conta fechar, e pronto: a gente tem 100% da matriz elétrica brasileira limpa e renovável!

Opa, vamo terminar esse episódio curtinho então... brincadeira, volta aqui!

Claro que não podia ser tão simples, né?

Tem mais gente querendo um espacinho de oportunidade nessa crise...

Então eu queria te apresentar mais um personagem nessa história. O jabuti.

Não, não virou fábula, não...

... nem podcast de fauna brasileira.

Ó, fica aí a ideia pra uma segunda temporada!

O jabuti dessa história é uma espécie bem típica da legislação brasileira.

Pra quem não sabe, "jabuti" é um "apelidinho" pra emendas que são "enfiadas" sorratamente em projetos de lei ou em medidas provisórias, mas que não têm nada a ver com o conteúdo original da legislação.

Tipo: vamos supor que esteja sendo discutida uma lei sobre recursos pra educação, e alguém vai lá e entucha no meio uma nova regra pra, sei lá, liberar agrotóxicos. Acho que nunca foi feito exatamente desse jeito. Espero. Melhor não dar ideia...

Mas deu pra entender, né? O jabuti é uma espécie de contrabando que os parlamentares fazem. A ideia é pegar uma lei que esteja sendo votada naquele momento, e camuflar – sem discussão, "na miúda", mesmo – alguma legislação que não tenha nada a ver ali no meio.

Num esquema tipo: "ninguém lê o que tá assinando", "vai que cola, né?"...

Agora: por que que batizaram esse tipo específico de falcatura com o nome de um bichinho tão simpático? Diz a lenda que quem cunhou a expressão foi o Ulysses Guimarães, o deputado que liderou a Constituinte de 88.

E que a frase inteira era assim: "Jabuti não sobe em árvore. Se tá lá, ou foi enchente, ou foi mão de gente."

Bom, o nosso jabuti oportunista aqui até tem a ver com a crise climática, mas não é obra de enchente. Ele foi colocado – por "mão de gente" – na Medida Provisória que autorizava a privatização da Eletrobrás, a maior empresa estatal de energia do país.

Eu não vou entrar aqui no mérito se a Eletrobrás deveria ou não ser privatizada, porque isso é um papo que renderia um podcast todinho só pra ele. Aqui vou focar só no jabuti, tá?

O texto que saiu do governo pra apreciação do Congresso tratava basicamente das condições pra privatização. Mas no vai-e-vem de um texto escrito a muitas mãos – o que é do jogo – surgiu um artigo nada a ver que estipulava que, com a privatização da empresa ia vir junto... a construção de um monte de termelétricas a gás (!).

Oi???

E os parlamentares "amarraram" tão bem o jabuti no texto que, se por algum acaso, o Bolsonaro quisesse vetar o jabuti, ele nem ia ter como fazer isso sem abrir mão de

privatizar a Eletrobrás.

Pelo seguinte:

O principal artigo da lei começa falando da "desestatização da companhia"... e de repente muda completamente de assunto e começa a falar da contratação de geração termelétrica, as quantidades e onde ela deveria acontecer.

Isso tudo, junto e misturado mesmo, num só parágrafo. É um negócio enorme, com mais de 600 palavras... e nenhum ponto final entre as frases (!!!).

Teve gaiato que brincou que parecia um texto do José Saramago, sabe? O escritor português que fugia de ponto final?

Agora: claro que o artigo não tá escrito desse jeito por "talento", ou "estilo literário" dos parlamentares, né?

A sacada deles foi que o presidente da República só pode vetar artigos, parágrafos inteiros. Ele não pode vetar só um pedaço de um artigo, por exemplo.

Ou seja: não tinha jeito.

Pra ele autorizar a venda da Eletrobrás, ele tinha que passar junto a contratação obrigatória de 8 gigawatts de energia gerada em usinas termelétricas movidas a gás natural entre 2026 e 2030.

Não dava pra vetar uma coisa sem vetar a outra.

E, concordando ou não com a privatização da Eletrobrás, fato é que essa era uma das prioridades do governo.

Aqui a Elbia Gannoum, que acompanhou de perto essa manobra:

Elbia Gannoum: Naquele momento, o Poder Executivo estava muito empenhado em aprovar a lei da Eletrobras, ele tava enxergando o projeto da Eletrobras como a última chance de fazer a capitalização. Então ele ficou entre "ou eu aceito 8 gigawatts de termelétrica e aprovo a capitalização da Eletrobras, ou eu não vou ter capitalização nunca mais". O Poder Executivo foi sinucado nessa discussão e aí ele tomou o partido de aprovar a Eletrobras, ainda que ela viesse com alguns jabutis, essa foi a verdade.

Giovana Girardi: E, bom, no meio da maior crise hídrica que o Brasil já enfrentou... que pode ter sido desencadeada pelas mudanças climáticas... alguém conseguiu meter goela abaixo a obrigação de o governo contratar energia de combustível fóssil.

Adriano Pires: Eu sou defensor tá, dos 8 gigas da lei da Eletrobras...

Giovana Girardi: Você é defensor do setor, né, Adriano, vamo... deixar bem claro aqui, né?

Adriano: Não, não é isso. Eu sou defensor do setor de gás, eu acho que o gás... eu sou defensor porque eu acredito, tá certo?

Giovana Girardi: Esse defensor do gás natural é o economista Adriano Pires.

Talvez você já tenha ouvido falar dele nos últimos tempos, porque ele virou meio "figurinha fácil" na imprensa, quase sempre ouvido como "especialista em energia".

O nome dele também foi cotado pra assumir a presidência da Petrobras – mas ele acabou recusando o convite. Eu vou falar mais disso já já.

Mas, como bom lobista, o Adriano sabe que ele ganha mais trabalhando nos bastidores.

Adriano Pires: "Ah, o Adriano faz lobby pro gás natural". Muita gente acha que lobby é pegar uma mala de dinheiro e entregar pra um deputado e um senador pra que ele aprove. Esse é o lobby espúrio, eu nunca fiz isso na minha vida, né?

Giovana Girardi: Sim, se tem um ponto em que a gente concorda – eu e o Adriano Pires – é que lobby não é necessariamente sinônimo de "maracutaia".

Eu já falei aqui várias vezes que a gente tem mais é que aprender com esses caras.

Aliás: a Elbia Gannoum, da Abeeólica, e o Rodrigo Sauaia, da Absolar, também se consideram lobistas das renováveis.

Elbia Gannoum: Pro lobby das renováveis ganharem mais força...

Giovana Girardi: O lobby das renováveis é mais fraco do que o lobby das fósseis, você diria?

Rodrigo Sauaia: Eu diria o seguinte, nós agimos de um forma muito diferente, né? Você pode fazer isso de um processo muito transparente de diálogo com a sociedade e eu acho que os interesses da sociedade não me parecem ter sido bem atendidos com essa medida do projeto da, dessa medida provisória da Eletrobrás.

Giovana Girardi: Tá, mas antes de a gente entender o que faz o lobby das fósseis – mais especificamente o lobby do gás – ser diferente... vamo entender melhor essa história de gás natural.

Ricardo Baitelo: É... Inclusive existe até essa discussão de não chamar mais o gás natural de "natural".

Giovana Girardi: E já que a gente abriu a porteira dos pesos das palavras, acho

que vale começar por essa ponderação aqui do Ricardo Baitelo...

Ricardo Baitelo: Chamar de gás metano porque o "natural" dá uma ideia de pouco impacto.

Giovana Girardi: É... de novo, acho que a gente tem uma questão aqui. O "natural" do gás natural tá tipo o "natural" daquele "sanduíche natural" com maionese e salaminho, né?

Faz sentido a gente falar em "gás metano", porque o metano é o gás mais presente no composto que a gente costuma chamar de "gás natural" – em geral, pelo menos 70% do composto é metano.

Mas tirando o juízo de valor positivo que a gente dá pra palavra "natural" até que também faz sentido falar em "gás natural" porque esse gás combustível fóssil é, sim, encontrado "naturalmente" na natureza – que nem o petróleo e o carvão também.

E tudo bem, dentro do "cardápio" dos combustíveis fósseis, até que o gás natural é o "mais limpinho". Tipo: ele emite metade do CO₂ que a queima do carvão emite.

E sim, isso é um super avanço. Mas... avanço pra quem? Depende de onde a gente tá partindo, né?

Quer dizer: pros países que sempre dependeram muito de carvão – tipo Estados Unidos e Alemanha –, o gás natural é uma excelente fonte de transição enquanto eles ampliam o investimento nas renováveis.

Mas uma coisa é trocar o carvão pelo gás...

Aqui a gente tá falando do Brasil, que sempre se gabou de ter uma matriz elétrica limpa. Jogar mais combustível fóssil nesse sistema, mesmo que seja o fóssil "mais limpinho", é sujar a matriz.

E o jabuti infiltrado na privatização da Eletrobrás não era pouca coisa... eram 8 gigawatts, ou seja: 8 mil megawatts. É mais que meia Itaipu.

É também quase 10 vezes a capacidade instalada do Complexo Jorge Lacerda, aquela usina do carvão mineral que abriu aqui o Tempo Quente.

Mas de onde veio esse jabuti?

Ricardo Baitelo: Na verdade o interesse pelo gás, ele existe há bastante tempo.

Giovana Girardi: Aqui de novo o Ricardo Baitelo.

Ricardo Baitelo: [...] O Brasil fez aquele acordo com a Bolívia e passou a dar uso para o gás natural em setores que ele não era necessariamente usado, desde aquecimento até transporte. Isso no

começo dos anos zero.

Giovana Girardi: Anos "zero", começo dos anos 2000... logo depois do apagão de 2001.

Ricardo Baitelo: Estava sendo dada uma ênfase muito grande para o gás natural. Só que o gás continuou caro por gargalos de transmissão e transporte.

Giovana Girardi: "Gargalos de transmissão e transporte". Aqui a gente tem mais uma camada dessa farsa jabutinesca.

Porque – do mesmo modo que nem o petróleo e o carvão – o gás não dá em qualquer lugar. Tipo: não é só furar um buraco no chão que ele brota...

Só que o jabuti da privatização da Eletrobrás não parou na obrigatoriedade de contratação de 8 gigawatts das térmicas a gás. Ele também definiu exatamente os lugares onde essas usinas vão ser construídas.

E muitas dessas novas usinas foram previstas pra serem instaladas longe de qualquer fonte de gás, longe do litoral, por exemplo, que é de onde vem a maior parte do nosso gás.

É como se o carvão da região de Criciúma fosse levado, sei lá, pro Tocantins pra ser queimado. Ou pior, como se a água do rio Xingu tivesse que ser transportada pro Espírito Santo pra girar as turbinas numa usina lá.

No caso do gás natural, do gás metano, a ideia é trazer o gás de qualquer lugar – seja brasileiro, seja importado, e levar pra essas novas usinas termelétricas que foram predeterminadas pra ficarem em lugares remotos no Centro-Oeste, no Sudeste, no Norte, e...

Sérgio Leitão: [...] no Nordeste.

Giovana Girardi: Aqui de novo o Sérgio Leitão, o especialista em políticas públicas que tinha falado que o Nordeste tinha tudo pra virar a "OPEP das renováveis".

Sérgio Leitão: Ele fez uma decisão que seria, travar o espaço de crescimento das renováveis, então é como se ele tivesse dito o seguinte: "Olha, renovável, eólica, solar, biomassa, vocês vão existir, mas é tipo a energia grama, aquela que você mantém no jardim da sua casa, mas quando começa a crescer, você passa o cortador."

Giovana Girardi: Tratar as renováveis como "energia grama", aparando sempre pra não crescer. Mas por que, se tá dando certo? Se tá gerando energia? Se agora já é mais barata? Se não emite gás de efeito estufa...? Se já tá instalada...

Giovana Girardi: Porque precisa se construir os gasodutos para levar-

- para pegar esse gás onde ele está e levar até a térmica, é isso?

Ricardo Baitelo: Exato.

Giovana Girardi: Não parece fazer o menor sentido, né?

E não faz. Quer dizer: se você pensar do ponto de vista ambiental, não faz.

Do ponto de vista econômico não faz também. Péra. Aí depende. Ponto de vista econômico de quem?

Giovana Girardi: E aí outro mercado que está se falando em torno do gás é da construção dos gasodutos?

Ricardo Baitelo: Exatamente. Foi uma ideia, obviamente, de aumentar a malha e a infraestrutura de gás. Que aí seria um outro investimento que viria diretamente para a conta de luz, que além da-- Importante a gente deixar isso claro.

Giovana Girardi: Vai ter muito gasoduto pra ser construído e quem vai pagar a conta desse tanto de obra, a gente já sabe: eu, você, todo mundo.

Agora, só imagina o custo disso. Bom... na verdade nem precisa imaginar, alguém já calculou. E já tá dando um jeito de viabilizar a grana.

Em maio, quando eu tava terminando de escrever esse episódio, deputados do Centrão tavam tentando emplacar um outro (!) jabuti, agora no projeto de lei que prevê a "modernização" do setor elétrico.

Uma reportagem do Estadão mostrou que o plano era tirar 100 bilhões de reais do lucro com a exploração do pré-sal, que iam pro Tesouro Nacional, pra custear as obras dos gasodutos. A manobra foi apelidada de "Centrãoduto".

Quer dizer: eles enfiaram goela abaixo as térmicas, só que elas só vão funcionar se mais 100 bilhões de reais forem gastos em infraestrutura pra levar o gás até elas.

Aí chegou a hora daquela pergunta central aqui no Tempo Quente: quem é que tá ganhando com isso?

Eu fiz essa pergunta pro Sérgio Leitão.

Sérgio Leitão: Os escândalos que não me deixam mentir, e agora, quem é que se beneficia com o gás nas discussões, era o S, do OAS, que é o grande beneficiário das usinas térmicas no Nordeste.

Giovana Girardi: O tal do Suarez?

Sérgio Leitão: O Carlos Suarez.

Giovana Girardi: Carlos Suarez, que é conhecido no meio como "o rei do gás".

A reportagem do Estadão revelou que o Carlos Suarez é sócio de oito empresas que têm exclusividade na distribuição de gás exatamente nos estados do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste onde essas novas termelétricas devem ser construídas.

Ele é o principal beneficiário tanto do jabuti na lei da Eletrobrás quanto desse novo jabuti dos gasodutos.

O "S" do Suarez continuou no nome da empreiteira OAS, mas ele mesmo deixou a empresa no fim dos anos 90 pra tentar uma carreira nova no setor de energia. E dá pra dizer que ele se deu bem, viu?

Eu tentei ouvir o Suarez aqui pro Tempo Quente, sem sucesso. Mas acho que não era nada pessoal, não, porque ele realmente não dá entrevistas.

Na verdade, ele raramente aparece em público. Agora: eu conversei com um cara próximo do Suarez.

Adriano Pires: [...] eu faço o lobby de ideias, [...] Então eu defendo as minhas ideias, defendo elas há 30 anos, há mais de 30 anos.

Giovana Girardi: Sim, o lobista Adriano Pires, que apareceu agora há pouco aqui. O defensor do gás.

Adriano Pires: Eu nunca atendi empresa estatal, nunca atendi governo e nunca atendi governo nem federal, nem municipal, nem estadual, eu nunca emiti uma nota fiscal contra o governo federal, o governo estadual, governo municipal e estatais, eu nunca ganhei 1 real da Petrobras, nunca ganhei 1 real da Eletrobras, todos os meus clientes são privados, tá certo?

Giovana Girardi: Tá certo. Mas a empresa do Carlos Suarez, por exemplo, é uma empresa privada. Que vai se beneficiar de uma lei pública. E, bom, daqui a pouco nem a Eletrobras vai ser mais uma empresa pública, né? A privatização da Petrobras também tá a caminho.

O Adriano Pires é sócio-fundador e diretor do "Centro Brasileiro de Infraestrutura", que tem esse nome que parece de estatal, mas na verdade é uma consultoria privada que presta serviços pra clientes do setor de óleo e gás, tipo... o Carlos Suarez.

Lembra que eu falei que o Adriano tinha sido cogitado pra assumir a presidência da Petrobras? Na mesma época, o Rodolfo Landim, que é presidente do Flamengo – o clube de futebol –, também foi indicado, mas pra presidência do conselho da empresa.

Aí acendeu um alerta na Diretoria de Governança e Conformidade da Petrobras de que essas duas indicações eram "problemáticas". O Rodolfo Landim é amigo próximo do Suarez – os dois chegaram a viajar juntos depois desse rolo das

indicações. E ele também enfrenta vários processos na Justiça que atestam a relação deles.

Quer dizer, os cargos mais altos da Petrobras – a empresa que comercializa e dita os preços do gás no país – podiam ser ocupados por pessoas ligadas a um empresário que tende a se beneficiar com essas decisões.

Nesse caso, o compliance falou mais alto, e os próprios convidados pularam fora antes. E ficou tudo bem, né, porque o lobby do Adriano Pires só atende empresa privada...

Adriano Pires: E aí relação privada é uma relação que cê tem cláusulas de confidencialidade. Se eu abrir um contrato de um cliente meu ele pode me processar. Então, esse lobby, vamo outra vez, lobby espúrio não é o que eu faço, eu faço o lobby de ideias, eu defendo as minhas ideias...

Giovana Girardi: Beleza. E quais são essas ideias? O canto da sereia do Adriano Pires lembra muito o discurso que a gente já ouviu lá no episódio 1, com o Fernando Zancan, do carvão. Os dois jogam a carta da segurança energética.

Adriano Pires: A política elétrica do Brasil tá equivocada, tá errada, a gente tem flertado com o racionamento desde o Fernando Henrique. No Fernando Henrique a gente teve racionamento porque a gente não tinha térmica, e agora ano passado, onde bateu na trave e só não foi gol porque tinha térmica. Mas o que que acontece, hoje, no Brasil, cê tem uma política energética, então, que você é muito refém do clima. Ou seja, quando para de chover todo mundo entra em pânico "ah, vai faltar energia", por que? Porque ainda hoje, no Fernando Henrique, 80% da geração era com água, agora é algo como 60, 65, ta diminuindo. Mas o problema todo é o seguinte, é que o Brasil tá refém de clima por quê?

Giovana Girardi: O Adriano Pires tá certo. O Brasil tá refém do clima na questão energética. A gente viu isso aqui nos dois últimos episódios.

Agora... a solução pra esse "sequestro" do clima não tá fazendo muito sentido. Será que a gente vai ficar menos refém do clima se a gente colocar mais térmicas na matriz?

Calcula comigo: mais térmicas é "igual" a mais emissões de gases de efeito estufa, que é "igual" a mais instabilidade climática.

Essa conta não fecha!

Eu até tentei trazer o argumento ambiental pra pauta, mas...

Adriano Pires: Mas sabe que eu acho que a culpa são dos próprios

ambientalistas, porque eles demonizaram com muita pressa o combustível fóssil, então eu acho que a culpa de um retorno rápido desse negócio de combustível fóssil é exatamente pelo açodamento e pela radicalização dos ambientalistas em querer trocar a matriz em uma velocidade muito rápida.

Giovana Girardi: A culpa... (??) do retorno do combustível fóssil... (??) é dos ambientalistas... (???)

Adriano Pires: [...] cê tem hoje também uma coisa que é muita hipocrisia nos fóruns ambientalistas, que são dominados por aquela menina da Suécia, né? Manda ela morar uma semana na Rocinha, pra ela ver como é que funciona.

Giovana Girardi: Eita, que sobrou até pra Greta Thunberg! É ela que tá dominando a discussão. Sei. Mas eu quis saber melhor por que que a Rocinha entrou na história...

Adriano Pires: Não basta só combater o combustível fóssil, tem que olhar a questão social dos países pobres em desenvolvimento. O cara que é pobre, queima lenha, por exemplo, botijão de gás no Brasil, 80%, 90% das pessoas cozinham com botijão de gás, o gás encanado só atende 2% das residências brasileiras. Agora, tanto o rico, classe média e pobre, usam o botijão, quando o botijão fica muito caro, como tá agora nesse momento, o cara da comunidade usa lenha, usa pneu usado, usa garrafa pet, usa álcool, quer dizer, é uma tragédia social. Cê acha que esse cara ele tá preocupado com o meio ambiente? Ele não tá preocupado com o meio ambiente porque ele tem um problema social muito mais grave, então nós...

Giovana Girardi: Exceto quando vem uma chuva que faz deslizar o morro onde ele mora e ele morre, né?

Adriano: Exatamente.

Giovana Girardi: Esse é o problema, né, Adriano, a gente tá falando de questão social e a mudança climática também é um problema social, né?

Adriano: É óbvio que é, mas a gente tem que se colocar nas prioridades desse cara. Ele mora numa encosta que cai porque não tem dinheiro pra morar em um lugar mais seguro, entendeu? Então eu acho assim, que é mais complexa a coisa, e me parece, quer dizer, o grande vilão dessa história, é os países desenvolvidos. Então, se eles realmente tão preocupados com o aquecimento do planeta, consome menos energia, meu amigo, investe em tecnologia para que o

crescimento dessas fontes renováveis seja mais acelerado, produz equipamento mais eficiente. Pô, olha lá pra África, ajuda os caras lá, entendeu? Então eu acho que é muito simples falar "ah, se não parar de consumir combustível fóssil o mundo vai aquecer", o que eu vou fazer? E aí? E daí? É uma desgraça, é uma coisa horrível, que a gente não sabe nem a consequência disso, mas eu acho que o combate não é simples como as pessoas colocam.

Giovana Girardi: Nessa altura a gente já percebeu um padrão no raciocínio, né?

Primeiro o lobista enumera os supostos benefícios da coisa que ele tá defendendo: a dependência econômica, os empregos, a segurança energética, o que seja.

Depois ele argumenta que o problema não é o produto deles: é a falta de tecnologia pra resolver as emissões. Depois ele diz que quem tá criticando é porque não conhece a realidade.

E, por fim, o argumento mais manjado de todos: a culpa é dos outros. Dos outros países, no caso. Foram eles que erraram no passado, e agora querem que a gente faça direito.

Tudo bem, faz parte do jogo.... É a lógica da: farinha pouca, meu pirão primeiro.

Só que o clima tá impaciente. E tá cobrando a conta.

Dizem que crise é oportunidade.

Giovana Girardi: A crise foi uma oportunidade pro gás natural, né?

Adriano Pires: Foi. Foi e eu espero que continue sendo.

Sérgio Leitão: [...] Você tem que perguntar, né: "Diga-me em que fontes apostas e eu te direi quem és."

Giovana Girardi: Aqui de novo o Sérgio Leitão, do Instituto Escolhas.

Sérgio Leitão: E o Brasil é um país que adora chegar atrasado no futuro, é a nossa especialidade. A gente sempre vai chegar atrasado no futuro e o futuro que é para os outros, só será para o Brasil, talvez, algum dia, e aí a gente vai ficar sempre no atraso. O atraso aqui, ele é aquilo que o Nelson Rodrigues dizia: "Subdesenvolvimento não se improvisa, é obra de séculos." A gente, aqui, não improvisa; quando é para jogar no atraso, a gente fala sério.

Giovana Girardi: "Quando é pra jogar no atraso, a gente fala sério".

Pensa quanto que não dava pra gente bombar a matriz energética brasileira, com vistas pro futuro, mirando no carbono zero, se a gente investisse esse dinheiro no lugar certo.

Rodrigo Sauaia: No ano passado, por exemplo, aconteceu uma coisa péssima.

Giovana Girardi: De novo o Rodrigo Sauaia, da Absolar.

Rodrigo Sauaia: A gente estava gerando, batendo recordes de geração de energia solar e energia eólica no Nordeste e parte dessa energia elétrica, no meio da crise hídrica, a gente não conseguia trazer para o Sudeste porque faltava linha de transmissão. As linhas de transmissão funcionam também como uma rede de segurança. Porque quando falta água no Sudeste você pode ser abastecido pelo sol e o vento, gerando energia elétrica no Nordeste e trazendo essa energia para o Sudeste. A gente teve, entre aspas, que jogar fora, desperdiçar um pouco de energia solar e eólica que foi gerada no período do pico da crise, com essa energia cara, e a gente tendo que importar energia da Argentina, do Uruguai, a preço de ouro, além de acionar as termelétricas.

Giovana Girardi: A gente teve que "jogar fora" energia gerada de forma renovável por falta de linha de transmissão... porque a construção dessa malha seria uma extravagância no orçamento... enquanto agora a gente tá discutindo a construção de quilômetros e mais quilômetros de gasodutos!

Sérgio Leitão: O setor elétrico faz uma discussão, como se fosse uma questão de segurança energética, e aí vem um monte de palavras técnicas. Então, a gente precisa colocar o setor elétrico à luz do dia, a gente precisa iluminar, porque esses...

Giovana Girardi: Sem trocadilho.

Sérgio Leitão: Com todos os trocadilhos, porque esse setor vive nas trevas, e ele mantém a população afastada, ele cria uma blindagem técnica para dizer: "Só eu entendo. Só eu entendo de segurança energética, só eu entendo que é intermitência, só eu entendo o que é variabilidade. Deixa com a gente aqui, o nosso clube resolve." Quando o clube resolve, pode sacar seu cartão de crédito, que você vai pagar a conta.

Giovana Girardi: Que a gente vai pagar a conta, a gente já sabe. Mas será que a gente tem a noção de quanto?

Sérgio Leitão: Quando o país vai para a térmica, a conta de luz vai subir porque você está entrando num mercado que é commoditizado, que é dolarizado. Esse preço vai ganhar uma dimensão, que é aquele que a gente já reclama hoje em relação ao preço da gasolina. A conta de luz sobe em função da variação do dólar. Hoje pode ser 10; amanhã

pode ser 15, e tem mês que as pessoas não conseguem pagar a conta de luz, e nós vamos chegar a essa realidade no Brasil.

Giovana Girardi: Se a gente depender mais de gás.

Sérgio Leitão: Mas nós vamos depender. Em função da decisão do Congresso e em função daquilo que está no planejamento energético, é caso pensado, é absolutamente crime premeditado que nós vamos ter isto acontecendo no país, a não ser que a gente reverta. E no Nordeste, é a mãe de todas as batalhas da transição energética. Se a gente perder essa guerra no Nordeste, onde tem sol, onde tem vento, onde a gente vai ganhar? Ali a gente vai ter que guerrear para poder fazer isto se reverter.

Giovana Girardi: O Nordeste, que concentra cerca de 90% da geração de energia eólica do país, e cerca de 70% da solar vai ter que abrir espaço a fórceps pra encaixar essas novas usinas termelétricas por causa do jabuti do legislativo – sem leilão, sem nada.

Acontece que os deputados que meteram o jabuti na lei da privatização da Eletrobras tiveram mais uma “sacada de mestre”. Lembra que eu falei que, lá na crise hídrica de 2001, quando o governo contratou na emergência um monte de termelétrica, elas eram flexíveis?

Ou seja, elas só eram ligadas em caso de necessidade?

Bom... a nova lei não só obriga a contratação dos tais 8 gigawatts de térmicas a gás como diz que elas serão, em sua maioria, inflexíveis. Ou seja: elas podem ficar ligadas direto.

E isso vai ter vários impactos. A gente já falou de um deles: o valor da construção dos gasodutos.

Mas a mera operação dessas usinas – se elas conseguirem funcionar – pode implicar um gasto adicional de algumas dezenas de bilhões de reais pro sistema elétrico.

Quem fez essa conta foi o próprio governo – a Empresa de Pesquisa Energética – no Plano Decenal de Energia que foi lançado em abril de 2022.

Eles compararam um cenário "normal", digamos assim, em que as contratações de novas fontes pra expansão da geração de energia fossem decididas somente pelo preço delas... com esse novo cenário que considera algumas mudanças, sendo que a principal delas é a obrigação de térmicas a gás.

Esse novo cenário terá uma “continha” extra de 52 bilhões de reais. Isso em boa parte por causa das novas termelétricas. É tipo o "couvert artístico" do jabuti.

E claro que não para por aí, né? Do ponto de vista ambiental, a pior parte é que essas usinas vão aumentar ainda mais as emissões brasileiras de gases de efeito estufa.

Logo que a lei foi aprovada, o Baitelo e equipe dele no lema fizeram um estudo pra calcular isso. A expectativa é que, a partir de 2030 – quando as novas termelétricas já devem tá funcionando – elas aumentem em mais de 30 por cento as emissões de gases de efeito estufa do setor elétrico do Brasil.

E, pra piorar mais um pouquinho... Como elas vão ser obrigatórias, elas devem roubar o espaço das fontes renováveis.

Elbia Gannoum: Sim, o Brasil está novamente comentando um equívoco, ele já cometeu um equívoco no passado, de olhar só pra uma fonte, e agora que ele tem uma diversidade de recursos em mãos, recursos competitivos, ele está direcionando pra investimentos em termelétricas. Eu falo claramente, o setor elétrico não precisa mais de termelétricas, o setor elétrico não precisa do setor de gás natural. O que o Brasil precisa realmente fazer é a expansão a partir das suas renováveis, essas termelétricas vão sim tomar o lugar das renováveis, 8 gigawatts de termelétrica, a gás natural, significa menos 8 gigawatts de energias renováveis, que é no Nordeste, que traz crescimento econômico, que traz desenvolvimento, que não tem emissão, então, de fato, é um equívoco muito grande.

Rodrigo Sauaia: Por que ele foi feito dessa forma? Porque se você colocar todo mundo para competir de forma isonômica, talvez não sejam essas as que vão ganhar essa competição justa e leal. Talvez quem vai ganhar a competição justa e leal são fontes renováveis. E aí então como é que você justifica a contratação de uma fonte que não ganha na boa competição? A gente sabe que o Congresso Nacional é um ambiente que acaba sendo muito pressionado por interesses particulares, interesses de grupos, de oligopólios. E quando a gente compara, as renováveis elas ainda são muito pequenas do ponto de vista de força política em comparação com fontes fósseis.

Giovana Girardi: "Força política", quer dizer: lobby.

Rodrigo Sauaia: Na nossa leitura, isso atropelou o planejamento qualificado do setor elétrico brasileiro e por isso a gente não pode aceitar essa decisão.

Giovana Girardi: O lobby das renováveis pode até ser menos poderoso. Mas ele não vai desistir fácil.

Elbia Gannoum: E eu entendo que a batalha das renováveis ela será

vencida, e aí globalmente falando, não só falando de Brasil, porque não há mais interesse do capital financeiro de investir em recursos fósseis. Então, a partir do momento que os investimentos que o setor financeiro está dizendo "não" para os fósseis, o capital é que vai mandar, então, eu tenho uma visão de que... otimista, de que a gente vai vencer essa batalha, porque nós vamos criando cada vez mais forças que vão nos levar pra essa direção. Mas, ao longo do caminho, nós vamos enfrentar sim muitos desafios, muitas brigas e muitas brigas lá em Brasília também.

[...] não dá mais pra ter tolerância aos combustíveis fósseis, né, você tem que falar de transição energética e transição rápida, e fim dos combustíveis fósseis.

Giovana Girardi: "Fim dos combustíveis fósseis". Pra mostrar que ela realmente acredita nisso, a Elbia foi além de levar a palavra das renováveis "pros quatro ventos" – desculpa, não deu pra resistir ao trocadilho...

Giovana Girardi: E, Elbia, eu soube que você chegou a fazer uma tatuagem contra os combustíveis fósseis, me conta

Elbia Gannoum: É verdade, depois de participar de tantas discussões, de tantos debates aqui no Brasil nós temos que, é... declarar tolerância zero aos fósseis. E eu declarei minha tolerância zero aos fósseis quando viajei pra COP. Uma semana antes da COP eu fiz uma tatuagem escrito "fóssil killer". E isso significa que nós temos que detonar com tudo que é fóssil nesse planeta, porque do contrário a gente não vai alcançar o nosso equilíbrio, que é esse equilíbrio de deixar que a Terra, é, se aqueça no máximo 1 grau e meio, não dá mais pra ser tolerante com os fósseis. Então é fóssil killer.

Giovana Girardi: E aí cê levou... onde que é a sua tatuagem? No seu braço?

Elbia Gannoum: É aqui no antebraço, ó, é aqui...

Giovana Girardi: E aí você saía mostran... ah, cê saiu mostrando o muque

Elbia Gannoum: Saía mostrando, falava "você viu minha tatuagem nova?" Daí eu ta num... passando por uma manifestação daqueles jovens, a fóssil killer, fóssil killer, a placa deles e eu mostrando meu braço fóssil killer, fóssil killer, foi muito divertido. E a garotada tirando foto comigo por causa do fóssil killer.

Giovana Girardi: Essa COP que a Elbia tá falando é a Conferência do Clima da ONU – que aconteceu em Glasgow, na Escócia, em novembro de 2021. Nessa

cúpula em que a Elbia saiu mostrando o muque tatuado, as expectativas dos ambientalistas tavam bem altas.

A esperança era de que o documento final do encontro ia trazer uma mensagem clara convidando os países a acelerarem a eliminação gradativa do carvão mineral... e dos subsídios aos combustíveis fósseis.

Mas essa briga ainda vai longe. No mundo todo, principalmente onde esses combustíveis são mais utilizados – muito mais do que no Brasil, aliás –, ainda tem muita resistência a pensar num "prazo final".

Muita gente bota fé na promessa do "net zero" até 2050 – quer dizer: alcançar a neutralidade de carbono em menos de 30 anos... – neutralidade nem é zerar as emissões, mas compensar de alguma maneira as emissões que ainda estiverem ocorrendo. Plantando mais árvores, por exemplo.

O net zero é considerado fundamental pra estabilizar o aquecimento do planeta em um grau e meio. Mas até essa promessa ainda tá no campo das ideias...

Durante a COP de 2021, a pressão foi forte, e o texto da conferência acabou sendo suavizado. Em um dos pontos, os países só foram estimulados a, abre aspas, *“acelerar os esforços para a redução progressiva do uso de carvão sem abatimento e à eliminação gradual dos subsídios ineficientes aos combustíveis fósseis”*. Fecha aspas.

"Esforços para redução progressiva". Suave demais, né?

Parece aquela placa que virou meme: "É proibido dançar agarrado, mas se quiser, pode".

Pra piorar, poucos meses depois da conferência, pintou um novo fator pra tumultuar mais ainda o cenário...

De novo o Adriano Pires.

Adriano Pires: Olha, eu acho que a gente tinha uma visão até a guerra da Ucrânia, e a partir da guerra da Ucrânia eu acho que as coisas mudaram um pouco. Até a guerra da Ucrânia, a gente tinha uma visão que o mundo ia abrir mão de petróleo, de gás, de combustível fóssil com uma rapidez muito grande, então havia uma grande demonização em relação aos combustíveis fósseis, né, porque todo mundo tava preocupado com o aquecimento do planeta e tinham deixado meio que de lado a preocupação com a segurança energética.

Giovana Girardi: Tá, vamo descontar que ele fala como se a preocupação com o aquecimento do planeta e com a segurança energética fossem coisas opostas.

E a gente já viu que esse argumento não faz o menor sentido. É completamente

possível aumentar a segurança energética de modo justamente a reduzir as emissões.

Mas o que o Pires tá descrevendo é um quadro que, de fato, pode botar mais água no chope de quem tava esperando o fim dos combustíveis fósseis já nas próximas décadas.

Adriano Pires: A geopolítica da energia tá mudando, e eu vejo dois grandes movimentos, né, o primeiro movimento é que realmente a transição ela continua, a transição energética, mas talvez ela tenha desacelerado, ou seja, a era do petróleo não vai passar tão rápida como as pessoas tavam imaginando antes da guerra da Ucrânia, né?

Giovana Girardi: "A era do petróleo não vai passar tão rápido..." Não sei pra você, mas em mim bateu como ameaça.

Adriano Pires: E o gás natural realmente passa a ter um papel mais fundamental ainda. Antes, quer dizer, com a política de acreditar que o mundo era global também na área da energia, fez com que a Europa ficasse refém da Rússia, então agora a Europa ela tá disposta a encontrar novos fornecedores de gás natural, mesmo que esse gás seja mais caro. A Rússia também sai menor dessa guerra, da geopolítica da energia, porque apesar dela manter lá a grande reserva de gás, grande reserva de petróleo, ela mostrou que ela é um fornecedor pouco ou nada confiável, então, todo mundo vai procurar novos fornecedores, nem que pra isso tenha que pagar mais caro. A tendência, evidentemente, continua sendo de você reduzir o consumo de óleo, mas eu tô dizendo a você que a velocidade vai cair, é isso que eu tô dizendo.

Giovana Girardi: A velocidade da redução do consumo do óleo – que já era, assim, "devagar quase parando" – vai cair. Eu perguntei, então, pro Adriano, como ele acha que ficam os planos globais de alcançar o tal net zero.

Adriano Pires: Eu acho que não faz mais sentido. E eu acho que o gás natural passa a ter um papel maior ainda do que tinha antes, nessa transição energética, e eu acho que você vai ter uma grande diversificação de fontes.

Giovana Girardi: "Não faz mais sentido". Será que o Adriano Pires tá lendo melhor os sinais do mercado do que o pessoal do lobby das renováveis?...ou isso é só "torcida", mesmo – pro negócio dele ter vida ainda mais longa?

De qualquer jeito, é essa vibe de que "não faz mais sentido" que tá animando o pessoal do óleo e do gás correr pra usar o máximo que puder... antes que as regras mudem e as limitações pros fósseis sejam concretas.

E essa "vibe" deve ter um impacto direto na exploração do pré-sal brasileiro.

Se você tem mais de 30 anos, você deve se lembrar da descoberta do pré-sal – aquela camada de petróleo e gás que fica quilômetros abaixo da superfície, na costa brasileira.

Eram meados dos anos 2000, e essa descoberta reacendeu os sentimentos ufanistas no país. Eu me lembro de ter ouvido o Lula, em 2008, chamando o pré-sal de "passaporte pro futuro"...

Lula: [...] o pré-sal é um passaporte pro futuro [...]

Giovana Girardi: ... e sentir, na verdade, um "cheirinho de naftalina" nesse "futuro". Parecia puro suco do slogan getulista de "o petróleo é nosso", só que repaginado.

Desde então, dá pra dizer que o "futuro" brasileiro só foi ficando cada vez mais com cara de passado... E tudo indica que esse é o pensamento que vai continuar não só nesse governo, como num próximo – mesmo que o presidente seja outro...

Adriano Pires: Eu acho assim, o pré-sal é uma coisa muito importante, porque o pré-sal hoje é a maior fronteira de produção de petróleo, offshore no mundo, né, então é um petróleo que os campos produzem muita quantidade, os campos são férteis, então acho que a gente não pode abrir mão disso. Então acho que a gente tem que ter pressa de extrair esse petróleo, porque na medida que a gente concorda, eu diria que o petróleo tende a cada vez valer menos acho que o petróleo vai continuar sendo muito importante pra economia brasileira, mas a gente tem que pensar que não é passaporte pro futuro, o futuro não é o petróleo, o petróleo é o presente, petróleo pode nos ajudar a desenvolver o futuro, mas ele é o presente.

Giovana Girardi: E enquanto a Petrobras corre pra usar até a última gota, a tal transição energética vai ficando pra trás. No mundo todo, mesmo petroleiras antigas, como Exxon e BP, antiga British Petroleum, tão antenadas com a crise climática, e começaram a mudar os portfólios.

Elas, que eram empresas exclusivamente de combustíveis fósseis, passaram a ser empresas de energia – e a investir em outras fontes, principalmente nas renováveis.

A Petrobras chegou a começar a fazer isso também – mas parou uns anos atrás, e não tá com cara de que o investimento nas renováveis vai voltar pra pauta tão cedo.

O governo federal, como um todo, ainda olha pro futuro como olhava pro passado.

O Sérgio Leitão me falou sobre isso.

Sérgio Leitão: Quando a gente olha o Plano Decenal de Energia, 80% de tudo o que se investe no país, seja no setor elétrico, seja no setor

de energia, é pré-sal, é combustível fóssil. Significa que o país vai ficar aferrado, ligado, casado a este modelo por mais 30, 40 anos. Se a gente vai ficar aferrado, casado, ligado por mais 30 ou 40 anos, em que momento a gente inicia aquilo que as autoridades do setor de energia, ou do setor elétrico no Brasil falam, que é a tal transição para uma descarbonização? Essa transição é apenas um adjetivo, colocado assim, que não tem nenhum, digamos assim, aporte, não é um substantivo que vai fazer, realmente, a diferença para o país dar passos significativos, porque se você perguntar para qualquer autoridade: “Está bom, a transição começou... Começou quando? Acaba quando? Quais são as metas?” Não tem esse lugar de chegada, e aí, como diria Alice no País das Maravilhas, “quando não se sabe para onde se quer ir, qualquer caminho serve”.

Giovana Girardi: "Qualquer caminho serve..." "... quando não se sabe pra onde se quer ir". Mas será que a gente não sabe pra onde quer ir?

Eu abri o primeiro episódio do Tempo Quente falando do relatório do IPCC que soava como um "alerta vermelho" pra humanidade, lembra? Um alerta vermelho pra gente fazer uma manobra brusca, mudar o rumo, pegar outro caminho... porque esse em que a gente tá é um tobogã pro precipício.

Ninguém gosta de fazer manobra brusca. É desconfortável. É arriscado. Mas se a alternativa é o precipício. Agora: essa escolha só faz sentido pra quem tá enxergando o precipício.

Se tiver neblina na estrada... Se o vidro tiver embaçado porque tem muita gente falando dentro do carro... Se você tiver cochilando, ou mexendo no celular, ou se você escolheu botar uma venda nos olhos... não dá pra ver o precipício.

E aí a manobra brusca parece desnecessária. Um exagero.

No próximo episódio – o último do Tempo Quente –, a gente vai tentar entender o que que tá impedindo o Brasil de enxergar esse precipício. Até semana que vem.

Tempo Quente é um podcast original da Rádio Novelo, produzido com apoio do Instituto Clima e Sociedade e da Samambaia Filantropias.

Eu, Giovana Girardi, apresento, faço a reportagem e assino o roteiro com a Paula Scarpin – com o apoio da Bárbara Rubira e da Flora Thomson-DeVeaux.

A coordenação do projeto é da Ana Magalhães e da Bárbara Rubira, que também fez produção com a Marcelle Darrieux.

A gente teve a consultoria da Cristina Amorim e do Claudio Angelo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Branca Vianna, e a direção executiva é do Guilherme Alpendre.

A música original foi composta pelo Arthur Kunz.

A edição é do Lucca Mendes e a sonorização é da Paula Scarpin e da Júlia Matos.

A direção de locução é da Mika Lins.

Nós gravamos na Confraria de Sons e Charutos.

Nossos transcritores foram Laura Rellstab, Nino Bloch, Pedro Gutman e Rodolfo Vianna.

A checagem é do Emerson Kimura.

A mixagem foi feita pela Pipoca Sound.

A estratégia de promoção e distribuição fica por conta da Juliana Jaeger e da FêCris Vasconcellos. As redes sociais são da Bia Ribeiro e do Eduardo Wolff, com o designer Mateus Coutinho. A edição do nosso conteúdo em vídeo é da Thais Fernandes.

Nossa identidade visual foi elaborada pela Natasha Gompers, e o nosso site foi feito pela Paula Carvalho e pela Amanda Gedra.

Neste episódio, usamos áudios da TV Brasil.

Na apuração desse episódio, a gente ouviu muito mais gente do que aparece aqui. Então queria agradecer também a Amanda Ohara, Elena Landau, Ildo Sauer, Mauricio Tolmasquim, Rafael Chaves, Roberto Kishinami, Roberto Schaeffer e Suzana Kahn-Ribeiro.

Obrigada e até semana que vem.